



O Agente Secreto

Brasis que reagem, Brasis que encantam



Cyclone



Eu e Meu Avô Nihonjin

No ano em que ganhou seu primeiro Oscar, sonhado desde os anos 1940, o cinema brasileiro emplacou sucessos de bilheteria, cults, prêmios em festivais, biopics e reações do streaming

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Yes, agora nós temos um Oscar, conquistado no Carnaval (algo mais brasileiro do que isso, não há!) por “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, que beirou 6 milhões de ingressos vendidos, num ano em que os maiores festivais do planeta se renderam à nossa excelência. Tiveram uns Bezerros de Ouro aqui e acolá, com (falsas) apropriações de cartilhas de gênero, e teve muita grita contra a manha dos streamings para se adequar a uma política justa

para o nosso cinema. Apesar disso, vivemos dois semestres de alegrias. Saca só:

O filme do ano

O AGENTE SECRETO, de Kleber Mendonça Filho: Crítico profissional ao longo de 13 anos, o jornalista pernambucano que trouxe a reportagem por uma carreira como realizador conseguiu um feito invejável para quem milita na imprensa cinematográfica ao ganhar a capa da revista “Cahiers du Cinéma”, a Bíblia do audiovisual, com seu novo (e originalíssimo) longa-metragem. A produção recebeu quatro prêmios no Festival de Cannes: Melhor Direção, Melhor

Ator (para um Wagner Moura em estado de graça), láurea da Crítica e láurea da Associação de Cinemas de Arte e Ensaio. Eleito o Filme do Ano pela Associação de Críticos do Rio de Janeiro (ACCRJ), esse thriller se passa em 1977 e abraça a palavra “pirraça” para traduzir o zeitgesit do Brasil de Ernesto Geisel, sem usar a palavra “ditadura”. Naquele ano, no enredo, um pesquisador viúvo (papel de Wagner) regressa ao Recife para buscar seu filho e é caçado por assassinos. Crocante do início ao fim, a narrativa conta com desempenhos inspirados de Roney Villela (entre os matadores) e de Carlos Francisco, que vive um projecionista.

Confira a seguir o que mais se viu de imperdível de janeiro para cá:

Nosso ranking de 2025

CYCLONE, de Flavia Castro: Uma atuação hipnótica de Luiza Mariani assegura viço a um estudo sobre o silenciamento sexista de uma expressão caudalosa de invenção da São Paulo do zeitgeist modernista que gerou a Semana de 22. A inspiração (livre) é Maria de Lourdes Castro Pontes (1900-1919), autora designada alternadamente por Deysi, Daisy, Dasinha, Miss Tufão e Miss Cyclone. No auge de sua criação, em busca de uma bolsa para escrever no exterior, ela sofre diversos vetos.

A MELHOR MÃE DO MUNDO, de Anna Muylaert: A atuação mais tocante do ano é a de Shirley Cruz. Sua personagem, a catadora de material reciclável Gal, mistura de “Noites de Cabíria” (1957) com “O Cortiço” (1978). Gal é uma combinação das heroínas de Giulietta Masina (qual a Gelsomina de “La Strada”) com a Rita Baiana do romance de Aluísio Azevedo (1857-1913). A São Paulo que adotou como lar é neorrealista, mas sua cartografia, no devastador filme da diretora de “Que Horas Ela Volta?” (2015), flerta com o Naturalismo. Nas entradas da maior metrópole do país, vemos a microfísica da exclusão se